

A maldição de Cam: condição de possibilidade para a emergência da discriminação e do preconceito racial?

Érica Rocha

Maritza Maciel Castrillon Maldonado



No dia 21 de março, comemora-se o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. Trata-se de uma data que lembra a tragédia que ficou conhecida como “Massacre de Shaperville”, em 1960, na cidade de Joanesburgo, na África do Sul. Mais do que lembrar a tragédia, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), neste ano, adotou como tema para a data “Aprender com tragédias históricas para combater a discriminação racial hoje”. Nosso objetivo com a imagem acima é problematizar uma condição histórica que talvez tenha possibilitado a emergência da discriminação e do preconceito racial.

Poliakov (1974) relaciona o surgimento da ideia de “raça” aos “mitos de origem” e, conseqüentemente, à ideia de inferioridade associada a esse fator. O “mito da maldição camita”, representado na imagem por meio da nudez de Noé, confere ao negro condição subalterna.

Segundo a narrativa bíblica de Gênesis, Cap. 6, Noé era um homem justo que foi escolhido por Deus para apregoar Seu juízo sobre uma

humanidade degenerada. Deus havia se arrependido de tê-la criado e desejava fazê-la perecer e desaparecer da face da Terra sob uma grande catástrofe de ordem natural e mundial, o dilúvio. Seria um evento capaz de colocar fim a todo ser vivo, exceto aqueles que ouvissem a pregação, se arrependessem de seus pecados e se juntassem a Noé e sua família para que, juntos, entrassem na arca. Um grande barco então foi construído, no qual deveriam ser abrigados exemplares de animais de toda espécie. Porém, apenas os próprios filhos de Noé teriam dado ouvidos à sua pregação - Sem, Cam e Jafé, sendo Cam o mais moço dos três. Desses três homens, descenderia toda a raça humana sobre a Terra. Ainda segundo a narrativa bíblica, após baixarem as águas que cobriram toda a Terra, a arca repousou sobre as montanhas do Ararate (Gênesis 8:4). Noé, que era lavrador, plantou uma vinha e ficou embriagado após se deleitar com o vinho dela produzido. A maldição de Cam, que também é chamado em algumas versões bíblicas de Cão, ou Canaã, deve-se a um evento único e sombrio, ocorrido no momento de bebedeira de seu pai, Noé.

O patriarca, então bêbado, tira suas vestes e põe-se nu dentro de sua tenda. Cam entra; ao vê-lo nu, ri de sua nudez e, de forma desrespeitosa, conta isso a seus irmãos. Esses então tomam uma capa e, reverentemente, entram de costas e de rostos virados para não verem a nudez de seu pai e o cobrem. Noé, por sua vez, ao ver-se curado de sua embriaguez, abençoa a seus filhos Sem e Jafé e amaldiçoa o seu filho Cam e toda a sua descendência, dizendo: "Maldito seja Canaã; servo dos servos será de seus irmãos. Disse mais: Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. Alargue Deus a Jafé, e habite Jafé nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo" (GÊNESIS 9:20-27).

Em outra das versões, a mais polêmica, Cam não teria meramente visto a nudez do pai. Para essa versão, a expressão "viu a nudez" seria um eufemismo para designar um suposto intercursos sexual. Dessa forma, Cam teria abusado sexualmente de seu pai embriagado, razão da maldição. A ideia da perversão sexual estaria ligada a outros textos

bíblicos que relacionam Cam e seus descendentes a práticas e costumes sexuais pouco ortodoxos.

Ocorre que a tradição religiosa, nesse período, quase unanimemente interpretava como local de morada dos descendentes de Cam o continente africano. Para essa interpretação, teriam os negros o legado de responderem pela maldição imposta ao seu ascendente comum, Cam.

Davis (2001) ressalta que a palavra hebraica para escravo, *ebed*, era usada, em certo sentido, para referir-se à punição considerada justa e, por isso, sancionada pelo Senhor. Dessa forma, ao dizer “Maldito seja Canaã”, “Um servo de servos ele será para seus irmãos”, a expressão “um servo de servos” teria a conotação de “o escravo mais indigno”. Os descendentes de Canaã foram, assim, condenados à servidão perpétua por Noé, com a anuência de Deus (GÊNESIS, 9:35). Sob essa interpretação, os negros africanos passam a ser vistos como pertencentes a um segmento degenerado, abaixo da escala hierárquica racial humana.

Dessa forma, constituiu-se uma hierarquia, possível a partir da criação de categorias humanas pensadas segundo a sua suposta ancestralidade, ao mesmo tempo em que contingentes humanos foram ligados a elas por elos imaginários de pertença ancestral. Essas condições históricas podem ter possibilitado que, nos dias de hoje, ainda encontremos esses discursos sendo proferidos, inclusive, na Câmara Federal, pelo deputado brasileiro Marco Feliciano, que em 2011 teria ficado famoso em todo o país por declarações polêmicas de cunho supostamente teológico, após proferir sua adesão a essa teoria racista religiosa, em razão da qual negros seriam amaldiçoados. Suas frases postadas em redes sociais, como *twitter*, fazem franca alusão ao mito da “Maldição de Cam”: “Citando a Bíblia (...), africanos descendem de Cão (ou Cam), filho de Noé. E, como cristãos, cremos em bênçãos e, portanto, não podemos ignorar as maldições¹”; “sobre o continente africano, repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas

¹A citação é parte do texto de defesa que teria sido protocolado junto ao STF, após a acusação formulada pelo Ministério Público em desfavor do Deputado. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/acusado-de-homofobia-e-racismo-feliciano-semeia-polemicas-no-congresso,2f8de89a54bdd310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acessado em: 27 jan. 2014.

de lá: ebola, AIDS, fome... etc.". Tudo isto ignorando todo o período colonial de exploração da África.

Mitos, discursos, construções históricas que constituem sujeitos e nos levam a problematizar, com inspiração em Foucault: como passamos a pensar o que pensamos?

Referências

DAVIS, David Brion. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

POLIAKOV, Leon. *O Mito Ariano:ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Sobre as autoras

Érica Silva Rocha é mestre em educação pela UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, advogada e técnica de nível superior da mesma Instituição.

Maritza Maciel Castrillon Maldonado é doutora em educação pela UFF – Universidade Federal Fluminense e professora do curso de Pedagogia e do PPGEdu/UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente é bolsista de pós-doutorado do CNPq no ProPed/UERJ, no Laboratório Educação e Imagem.